

APRESENTAÇÃO

AMOR DA CABEÇA AOS PÉS: “LÉSBICAS DEVEM VOLTAR À TORRE^[1]” VOLUME 2

Vinícios Ribeiro

Alessandra Brandão

Ramayana Lira

Mas eis-me aqui, inteira, assumida y mujer (Seu Peru).

Quem gosta de imaginar falará aos
ecos subterrâneos. Aprenderá a interrogar
e a responder, e pouco a pouco compreenderá
a psicologia do eu e do tu do oráculo
(Bachelard, 1990, pp.150-151).

“No sonho, meu amor pergunta: “Onde está o seu rio?”
E eu aponto para o centro do meu peito. Eu sou um
rio que se abre em rachaduras. É como se as partes de
mim fossem, antes, apenas pequenos afluentes — linhas
de água como veias correndo logo abaixo da terra ou
deslizando pela superfície óssea da terra — às vezes um
córrego de deserto, às vezes um canal urbano, às vezes
como o suor escorrendo pelo esterno de uma mulher.
Agora posso ver o ponto de encontro. Comunhão. E
reúno minhas forças para fazer o rio fluir^[2] (Moraga,
1983, p. 145)”.

Tudo pode ser tão bonito, tudo pode ser tão fértil, tão
imprevisível, custa acreditar que seja obra de um deus.
A linguagem é minha. É meu direito, uma parte dela
me pertence. Veio a mim, eu não a procurei; portanto,
é minha. Minha mãe a herdou, meu pai a desperdiçou.
Vou destruí-la, adoecê-la, confundi-la, perturbá-la, vou
despedaçá-la e fazê-la renascer tantas vezes quantas
forem necessárias, um renascimento a cada coisa bem
feita neste mundo (Sosa Villada, 2021, p.162).

O Respeitável Cidadão caracteriza-se principalmente pela
indiferenciação sexual. É o símbolo exato desta classificação

jurídica do indivíduo que o toma como capaz de responder — sem Prazer — ao formulário, marcando com um desalfabetiza-do X o quadrinho correspondente a masculino ou feminino. Ou seja, o responsável opressor vive a indiferença sexual como garantia da sua função de policial da ética (Leila Mícolis e Herbert Daniel, 1983, p.42)

Em 15 de julho de 1998 a “família tradicional brasileira” triunfou (será?) contra as “drogas, lésbicas e cadeia^[3]” evocadas pela novela global *Torre de Babel*. Rafaela (Christiane Torloni) quase se dirige com cumplicidade às espectadoras estranhas, como se ventriloquizando o autor em espécie de pedido de desculpas, e sentencia a Leila: “Só pode ser esse maldito preconceito”. Segundos depois o casal de tortilleras anzalduzianas é explodido. Em Caldas Novas, Goiás, uma criança viada de dez anos fica horrorizada: “é assim que termina?”. Horror semelhante sussurrado por duas sapatões em João Pessoa e em Natal, separadas por 180 quilômetros da BR-101 e pelas suas próprias famílias tradicionais.

A explosão de corpos desobedientes de gênero e sexualidade é a fantasia concreta do regime cis-heterossexual, o que Gabriel Giorgi nomeia como “sonhos de extermínio” nutrido pelo corpo social em relação às desobediências de sexualidades e gêneros. Não por acaso, um contexto de recepção e espectorialidade em língua inglesa nomeou a matança em telas como “dead lesbian syndrome” e “bury your gays”, respectivamente “síndrome da lésbica morta” e “enterrem seus gays”.

Fora das telas é algo como Gayle Rubin reportou sobre os anos de 1980 nos Estados Unidos: “O espancamento de *queers* se tornou uma atividade recreativa significativa para jovens homens urbanos. Eles vão para bairros gays armados de tacos de baseball e na busca por problemas, sabendo que os adultos em sua vida secretamente aprovam essa prática ou vão ao menos fazer vista grossa (1989 [2006], p.6)”. Ou ainda no documentário “Temporada de Caça” de Rita Moreira (1988) que, ao colher depoimentos de transeuntes da cidade de São Paulo, apresenta pessoas satisfeitas com a onda de assassinatos que assolavam pessoas não cis e não heterossexuais.

Todavia, o segundo volume do dossiê não se propõe a falar do arquivo da dor, da morte e do medo no qual a história e a historiografia branca e (de) direita quis nos enquadrar. Aqui se trata mais de uma soma à “torre de viados” que Madonna orquestrou na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, no dia 04 de Maio de 2024 do que à “torre de babel”. Nos acoplamos como tetrís dissidentes, que quando são formatados desaparecem. Contudo, esses corpos se multiplicam. Escavamos rochedos e removemos pedregulhos para reconstruir e disputar sentidos de famílias. Somos o amor de Cherríe Moraga que sussurra em seus sonhos e pergunta: “Onde está seu rio?”.



FIGURA 1: They are coupled ones who do not impale themselves on the poles of sexual difference or metaphysical values, but constantly seduce the sign system through flirtation and inconstancy into the light fondle of artifice, replacing the Lacanian slash with a lesbian bar^[4].
(Case, 1988, p. 56)

O amor da cabeça aos pés escorre como água caudalosa e impermanente, molhada, morna e persistente. O vigor da teoria encarnada é usar a estratégia da implosão ao invés da explosão. É por dentro, com pequenas dinamites cuirs, que a torre fálica será tombada. Dos seus escombros, capivaras e girafas sorridentes nos conduzirão ao sonho vívido da sapataria-mundo, da bichice-atravecada, do atraque não-binário. A Leona cresceu, queridinhas, ela vem vindo do Rio Guamá. O veado de ouro reluz para Nossa Senhora de Nazaré. A trasladação. Estamos como Mário de Andrade,

levando bofetadas líricas no Trianon. Aqui é pegação. A gente se apalpa, late e morde. Lambe. Não vamos deixar Cecília ir comprar abacaxi em Cabo Frio. Ela não vai.

Olhar
De tanto enxergar olhar ver espiar
Sentir e notar
Tô botando tudo pra dentro porque botando
pra dentro eu botei pra fora (Stela do Patrocínio)

Gloria Anzaldúa, nas alturas, rogai por nós. Diga-nos Moraga, o que é família?

A questão persiste: a fundação, como está agora, é sólida o suficiente para enfrentar o opressor? Acredito que não. Existe um amor mais profundo entre e dentro do nosso povo que está enterrado entre as linhas dos papéis que desempenhamos uns com os outros. É a terra sob os pisos de nossas casas. Precisamos cortar madeira, cavar com as mãos nuas no solo compactado para descobrir o que realmente temos para segurar em nossas mãos como força.

Família não é, por definição, o homem em uma posição dominante sobre mulheres e crianças. Família é o vínculo intergeracional, laços emocionais profundos entre os sexos opostos e dentro do nosso próprio sexo. É a sexualidade, que envolve, mas não se limita a, relações sexuais ou orgasmo. Brota do toque, constante e diário. O ritual de beijar e o sinal da cruz a cada ida e vinda da casa. É encontrar família entre amigos, onde laços de sangue são formados através do sofrimento e da celebração compartilhada (Moraga, 1983, p. 111)^[5].

As anjas tortas, as matilhas desejantes, os gemidinhos, as dedadas. As lésbicas estão no bar, não é mesmo, Gayle Rubin? A sinuca e a flânerie urbana. A Tia Maria, sapatão. Ovos mexidos com Foucault, Pedro Lemebel e Giuseppe Campuzano nas margens do Rio Croa. Vera Verão amazônica. Temporada de caça-cuir. Mas agora somos nós as caçadoras: vestidas de Xenas e Chanas. Faz calor, sim, sabemos Foucault. Você gosta de sauna, que a gente sabe. Estamos suando saudades. Lemebel lambeu o fogo criminoso que tentava consumir as mãos dadas do Cerrado e da Amazônia. Ele nos disse: “é preciso usar as brasas a nosso favor”.

Chegamos em Brasília. Descansamos na torre de TV. Umas cuirs mais animadas começaram a escalar. Dizem que o firmamento do Distrito Federal é o caminho para Chapadão do Céu. Elas estavam calorentas, com fuligem no corpo, pensaram em Pirenópolis: Cachoeiras do Dragão. 8 cachoeiras. Para surpresa de todas, parou uma Scania, tunada, tocando um remix de Cássia Eller e Simone. A caminhonete se chamava Chana e era pilotada pela pintora Camila Soato. Desobedientes que

somos, chamamos nossas amigas Moraga, Anzaldúa, Nascimento, González, Preciado, Patrocínio, Sedgwick e tantas outras vidas-palavras-amores. Seguimos viagem pela BR-060, “quem sabe ainda somos garotinhas” e modestamente botamos no mundo este segundo volume da revista Logos, para um pouquinho mais de gozo nessa academia.

A primeira dedada é feita por Ana Paula Nunes e seu olhar delicado para a novela *Vai na Fé*. Nunes destaca que a narrativa desvia das representações melodramáticas tradicionais e se demora na vida cotidiana e nas relações entre as personagens. O artigo “*Vai na fé: ética amorosa na amizade entre mulheres*” acompanha o arco de de Sol (Sheron Menezes), uma ex-dançarina de bailes funks que aceita um emprego com o cantor Lui Lorenzo (José Loreto). A protagonista enfrenta conflitos tanto na esfera íntima quanto no trabalho, e suas divergências com Theo (Emílio Dantas). A autora argumenta que a produção parte de uma ética amorosa, conforme bell hooks, delineando a ação de carinho e cuidado, em especial quando se aproxima da amizade entre Sol e Bruna (Carla Cristina Cardoso). A novela costura aproximações da vida comunitária como um modo de se viver e possibilitar vínculos saudáveis.

Do bairro de Piedade, no subúrbio do Rio de Janeiro, vamos com Thífani Postali para o sambódromo do Anhembi, em São Paulo, para acompanharmos o desfile da Vai-Vai. O artigo “Paz, amor, união e diversão: Tem Hip Hop no samba da escola paulista Vai-Vai 2024” trata do samba-enredo “Capítulo 4, Versículo 3 - Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano”, enfatizando seus usos como vetor de força cultural e amplificação das vozes de comunidades periféricas. O texto utiliza métodos de análise bibliográfica e de conteúdo e relaciona a integração dos gêneros Samba e Rap para produzir uma crítica ao eurocentrismo. Nos encontramos novamente como os ensinamentos de amor verdadeiro de bell hooks (2020), cuja vinculação com o enredo aponta para a prática do amor ético como um modo de afirmação e de desejo no mundo.

Já as reflexões de Adriana Baggio, em “Não era amor, era cilada: Confusões entre assédio e afeto nas interações heterossexuais”, nomeiam o assédio sexual de rua como uma forma de violência de gênero. A autora volta suas análises para essas interações cotidianas por intermédio da semiótica. A pesquisa, realizada entre 2015 e 2019, inspeciona os discursos em aplicativos e mídias que discutem o assédio. Baggio constatou que há uma resistência em entender o assédio como violência. O artigo evidencia que comportamentos lidos como ostensivos ou sutis podem ser

vistos como assédio, quando há uma repetição e sobretudo como interfere na vida das pessoas assediadas. Por fim, o texto nos oferece uma distinção entre o assédio de interações amorosas, destrinchando como comportamentos de assédio são naturalizados e justificados culturalmente.

As confusões também estão presentes em “Isso não é o meu *Last of Us*”: reencontros e conflitos da recepção da série”, de Lucas Walternberg e Marcela Soalheiro. As pessoas autoras analisam o episódio “Long, Long Time” de *The Last of Us*, lançado pela HBO em janeiro de 2023. O olhar do texto é voltado à história de Bill e Frank, um casal de bichas. Ao contrário da apressada representação no jogo, que inspira a série, temos no vídeo um maior detalhamento da relação entre eles, focado no afeto. A adaptação possibilita um “reencontro” com a audiência anterior e reconfigura elementos do jogo. Ela introduz discussões sobre fidelidade à obra original e as formas de se representar personagens em dissidência de sexualidades. Assim como adiciona uma reflexão aos estudos de experiência e de recepção, especialmente nas tensões despertadas pela narrativa na recepção e em seu público.

Aqui na revista Logos, e em nossa segunda playlist, temos a voz de “Iza e a “Fé nas maluca”: amor-próprio como estratégia de autodefinição e renascimento em um videoclipe” somada aos gestos textuais de Nayara Luiza de Souza e Marco Túlio Pena Câmara. O amor em bell hooks nos aproxima do videoclipe “Fé nas Maluca” de Iza. A análise modula superação e busca por justiça, colocando em xeque ficções patriarcais e apostando no amor como uma ação que nos liberta.

Com “Novas narrativas do amor parental na contemporaneidade”: um estudo comunicacional sobre suas representações a partir da coluna de Vera Iaconelli na Folha de S. Paulo” Paulo Nassar e Maria Rita Mazzucatto abordam as novas narrativas da parentalidade no Brasil. Por meio da análise de 21 artigos de Vera Iaconelli, publicados na Folha de S. Paulo entre 2020 e 2021, a pesquisa conduz a análise de conteúdo para refletir sobre conceitos filosóficos de amor, como Eros, Philia e Ágape, se relacionam com as dificuldades da parentalidade na Modernidade Líquida e as transformações da intimidade. Os resultados apontam que as novas dinâmicas afetivas exigem uma diminuição nas assimetrias entre pais e mães; assim como a aceitação de arranjos familiares descentrados das figuras tradicionais.

Pelos comentários em nosso volume anterior, acho que demos match com nossas leitoras. Assim, Fernanda Costantino e Renata Rezende Ribeiro falam justamente desse elemento presente

nas socializações afetivas contemporâneas em “O match como novo elemento na formação de laços eróticos afetivos na sociedade midiaticizada”. As autoras investigam as reverberações dos aplicativos de relacionamento, como Tinder e Happn, na constituição de laços erótico-afetivos na sociedade contemporânea. O artigo lança mão de revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com usuários desses aplicativos. O conceito de “match” e suas ressonâncias nas categorias de encontros amorosos do século XXI, espelha e intensifica transformações no imaginário coletivo sobre relacionamentos, sublinhando o imbricamento da midiaticização, capitalismo e cultura do consumo nos processos amorosos atuais.

“Eros e o amor homoerótico em *Grande sertão: Veredas*” de Leandro Bessa, Gustavo de Castro e Ana Saggese evocam esta história de amor que se renasce a cada vez que releemos suas linhas. O trio analisa o amor e o desejo homossexual entre Riobaldo e Reinaldo (Diadorim) no romance *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. O artigo acena para o caráter transcendente da obra e como ela rompe as barreiras de gênero e linguagem, por meio de uma narrativa complexa e mítica. A pesquisa dialoga com múltiplos saberes e a filosofia de Platão sobre Eros. Nosso Riobaldo, nesta leitura, tenta elucidar seu amor por Diadorim em moldes platônicos, somando amizade, contemplação da virtude e beleza, concitando as normas sociais e literárias da época sobre amor e desejo.

A lambida de Gabriela Santos Alves e Thiago Scarpato Mozer vem com “Línguas desatadas: um corpo-arquivo para se pensar a gentrificação do *queer*”. No texto temos uma aproximação do conceito de “gentrificação do *queer*”, de Sarah Schulman e a análise do documentário *Línguas Desatadas* de Marlon Riggs. O artigo analisa como a obra, em sua materialidade fílmica e sensorialidade, conversa com o esmaecimento de corpos dissidentes em contextos urbanos normativos. O “arquivo de lembranças” de Riggs é um baú de poesia, performance e um inventário de imagens. O cineasta cria uma visualidade que desafia a invisibilidade imposta a homens negros, gays e quem vivem com HIV nos anos 1980.

A temperatura continua subindo com “Corpo, desejo e afeto em *Boa sorte, Leo Grande* (2022), um filme de Sophie Hyde”. O dueto de Arthur Fiel e Sandro Aragão analisa o filme *Boa Sorte, Leo Grande*, de Sophie Hyde, demorando-se nas questões de afeto, corpo e desejo. Esta tríade é movimentada por Leo Grande, um profissional do sexo e Nancy Stokes, uma viúva. Temos, aqui, o método da análise fílmica e um estudo bibliográfico do pensamento pós-estruturalista. O

artigo argumenta que o filme subverte pressupostos sociais sobre gênero, classe e sexualidade, especialmente nos diálogos e expressões corporais dos personagens.

Já Máira de Souza Nunes e Bernardo Cortizo de Aguiar nos apresentam com “Amor, transgressão e estranhamentos em *Good Omens*”. A dupla aborda a relação das personagens Crowley e Aziraphale em *Good Omens*. Destacam-se os conceitos de afeto, estranhamento e transgressão. O afeto é visto como inefável, costurado tanto no livro quanto na série. O estranhamento é apontado como um elemento da narrativa fantástica e das dissidências *queer*, enquanto a transgressão é trazida na profanação das normas divinas. O vínculo dos personagens corroem o binarismo entre bem e mal, dando a ver uma inflexão sobre afetividade e identidade na narrativa.

Compondo nossa maratona de ficções seriadas, temos “Amor como uma performatividade de gênero: ambivalências em *Anne com E*” de Yasmine Feital e Regiane Lucas Garcêz. As autoras investigam o amor no audiovisual em um diálogo com as teorias da performatividade de gênero de Judith Butler. É sobreluzido da série o gesto de subversão das normas cisheteronormativas, aliançando-se nas imagens de construção e desconstrução das representações identitárias e afetivas.

Chegamos aos escritos de Danilo Fantinel e sua análise da série sul-coreana *Pousando no Amor*, “Vínculo, empatia e mimese: A comunicação do amor em série romântica sul-coreana”. O autor nos convida para experienciar a valorização da comunicação interpessoal e afetiva, características dos K-dramas românticos. Sua pesquisa aponta que há, na série, elementos como o contato direto e a empatia que despertam o interesse do público brasileiro. O sucesso da série no Brasil, na visão de Fantinel, se dá pelo desejo da audiência nacional por narrativas que apostam na sensorialidade e nos vínculos afetivos.

Agora somos conduzidas para “O amor é político: notas sobre *amor mundi* em Hannah Arendt”, de Muriel Amaral. O ensaio se encontra com o conceito de *amor mundi* (amor ao mundo) na filosofia de Hannah Arendt. Este amor é marcado por não reivindicar reconhecimentos ou recompensas, emergindo na comunicação e na multiplicidade de experiências compartilhadas. Amaral reitera que o *amor mundi* é imprescindível para a ação política, e requer uma participação ativa e processos dialógicos entre indivíduos livres.

Marcela do Valle, em “Devir Indígena: hora de devolver o amor à história brasileira”, com muita acuidade aponta a urgência da reinvenção política e cultural no Brasil, para desarmarmos

o retrocesso político e curetarmos as feridas históricas. O artigo se sustenta na reinterpretação da memória nacional, especialmente no que diz respeito à ditadura e à colonização, nas poéticas visuais e processos de criação de artistas como Abdias Nascimento, Rodrigo Ribeiro Saturnino e Jaider Esbell. A história oficial é escovada a contrapelo e de seus grãos adubamos o amor.

Em “A queda do céu e o eclipse do mundo” Mônica Machado e Vinícios Ribeiro criticam as assimetrias persistentes nas relações interétnicas de indígenas e não-indígenas, reforçadas historicamente pelas práticas coloniais e pelos múltiplos epistemicídios. Machado e Ribeiro argumentam que os conhecimentos científicos indígenas são uma alternativa ao historicismo linear, que contribuem para uma vinculação e invenção de um mundo mais possível.

Nossa movida culmina nas “Montagens visuais a partir de olhares afetivos de mulheres diversas: outros caminhos metodológicos para a pesquisa com imagens” de Ana Rita Vidica e Letícia Benevides. As pesquisadoras apostam em uma abordagem metodológica baseada na escrita afetiva e ensaística. O deslocamento epistêmico inicia com o filme-ensaio *Elena* (2012) de Petra Costa. A interlocução com oito mulheres apontaram para questões vividas e compartilhadas através de montagens visuais. A referência, aqui, é *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg. O ensaio visual se costura nos afetos e na fluidez da subjetividade para a construção do conhecimento.

Com esse conjunto de textos vamos finalizando esse dossiê que não coube em si, ocupando, em cissiparidade, dois volumes da *Revista Logos*, a cujo conselho editorial agradecemos, como não poderia deixar de ser, com muito amor. Nossa gratidão também a quem compartilhou suas pesquisas conosco e com a multidão que lê esse dossiê. Não uma multidão numérica, mas aquela que se faz e desfaz no risco (aqui tomado na sua polissemia: traço, rasura, perigo) de desterritorializar a heterossexualidade, como nos lembra Preciado (2011). Esperamos que os textos reverberem pela sua consistência teórica, rigor metodológico e, principalmente, pela corrente profunda de inquietação com o mundo e com a academia. Ambos sob a ameaça de fim, caso não recuperem, de maneira urgente, o amor por estar, aqui e agora, diante da vida.

Com amor Vini e Ramalandra <3 <3 <3



FIGURA 2: “meia-bruxa, meia-fera, risinho modernista aranhando na garganta, malandra, bicha, bem viada, vândala, talvez maquiavélica (Ana Cristina César, Samba-canção)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CASE, Sue-Ellen. Towards a Butch-Femme Aesthetic. **Discourse**, 1988, v. 11, n. 1, pp. 55–73.
- GIORGI, Gabriel. **Formas comuns**: animalidade, literatura, biopolítica. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- MÍCCOLIS, L; DANIEL, H. **Jacarés e Lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- MORAGA Cherríe, **Loving in the War Years: Lo Que Nunca Pasó Por Sus Labios**. Boston: South End Press, 1983.
- PRECIADO, B. [Paul]. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2011, v. 19, n. 1, pp. 11-20.
- RUBIN, G. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. (mimeo) Texto Original: **Thinking Sex**: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. Culture, Society and Sexuality, 2006.
- SOSA VILLADA, Camila. **O parque das irmãs magníficas**. Tradução: Joca Reiners Terron. São Paulo: Tusquets, 2021

-
- [1] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv11109808.htm#:~:text=O%20casal%20de%20%C3%A9sbicas%20Rafaela,amorosa%2C%20n%C3%A3o%20morreram%20na%20trama>. Acesso: 11 out 2024.
- [2] “En el sueño mi amor pregunta “donde está tu río?” And I point to the middle of my chest, I am a river cracking open. It’s as if the parts of me were before just thin tributaries. Lines of water like veins running barely beneath the soil or skimming the bone surface of the earth-sometimes desert creek, sometimes city-wash, sometimes like sweat sliding down a woman’s breastbone. Now I can see the point of juncture. Comunión. And I gather my forces to make the river run”.
- [3] Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/com-drogas-lesbicas-e-cadeia-torre-de-babel-chocou-familia-tradicional-brasileira-39947>. Acesso 11 out. 2024.
- [4] São casais que não se empalam nos polos da diferença sexual ou dos valores metafísicos, mas seduzem constantemente o sistema de signos através do flerte e da inconstância até a leve carícia do artifício, substituindo o corte lacaniano por uma chafarica lésbica.
- [5] The question remains. Is the foundation as it stands now sturdy enough to meet the, face of the oppressor? I think not. There is a deeper love between and amongst our people that lies buried between the lines of the roles we play with each other. It is the earth beneath the floor boards of our homes. We must split wood, dig bare-fisted into the packed ground to find out what we really have to hold in our hands as muscle. Family is not by definition the man in a dominant position over women and children. Família is cross-generational bonding, deep emotional ties between opposite sexes, and within our sex. It is sexuality, which involves, but is not limited to, intercourse or orgasm. It springs forth from touch, constant and daily. The ritual of kissing and the sign of the cross with every coming and going from the home. It is finding família among friends where blood ties are formed through suffering and celebration shared.